



ASSEMBLEIA DO POVO DE DEUS



**20
25**



REVISTA

ASSEMBLEIA DO POVO DE DEUS

É UMA PRODUÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE PALMAS

EQUIPE ORGANIZADORA DA ASSEMBLEIA ARQUIDIOCESANA DO POVO DE DEUS

Arcebispo de Palmas: Dom Pedro Brito Guimarães

Chanceler: Pe. Reginaldo Albuquerque da Silva

Secretário do Vicariato da Ação Pastoral : Pe. Heldeir Gomes Carneiro

Secretária Executiva do Vicariato da Ação Pastoral: Luzia Vieira da Silva

Assessoria de Planejamento: Marcelo de Moraes Cordeiro

Reportagens: Karoliny Santiago

Assessoria de Comunicação da Arquidiocese de Palmas: Laise Carmo

Fotografia: Ricardo Silva; Suzanne Kelly Pinto; Laise Carmo

Projeto Gráfico: Ricardo Silva (Síntese Media)

EDIÇÃO 2025

Sumário



Estratégia, Escuta e Sinodalidade: Os passos que construíram a Assembleia Arquidiocesana do Povo de Deus

04



Perfil de Dom Pedro

06



Assembleia Arquidiocesana do Povo de Deus: três dias que redesenharam o caminho da Igreja em Palmas

08



Juventude na Catedral: presença que renova a Igreja

10



Escutar com Amor: quando a Igreja decide ouvir o coração do povo

11



Arquidiocese de Palmas: entre os desafios do presente e os sonhos do futuro

13



Elas que sustentam: o protagonismo das mulheres na Igreja de Palmas

15



Arquidiocese de Palmas: entre os desafios do presente e os sonhos do futuro

17



Vocação: o chamado que sustenta a Igreja

19



galeria de fotos

21



Encerramento

28



ESTRATÉGIA, ESCUTA E SINODALIDADE: OS PASSOS QUE CONSTRUÍRAM A ASSEMBLEIA ARQUIDIOCESANA DO POVO DE DEUS



A Assembleia Arquidiocesana do Povo de Deus, que culminou nos dias 19 a 21 de setembro, no Colégio Marista, não foi um evento isolado, mas o ápice de um intenso processo de preparação que começou a ser desenhado no ano anterior. Mais do que cumprir uma agenda, a Arquidiocese de Palmas buscou uma renovação estratégica ciente de que o último Plano Arquidiocesano de Evangelização (PAE) encerrava seu ciclo em 2024, e de que esta seria a última Assembleia sob a condução de Dom Pedro Brito Guimarães, a Arquidiocese buscou uma metodologia que garantisse profundidade e dados concretos.

O propósito era claro: renovar a ação pastoral a partir de uma base estratégica sólida. Para conduzir essa transformação, a Arquidiocese contratou o especialista Marcelo Cordeiro, Doutor em Administração pela PUCRS, com expertise em planejamento estratégico. Seu trabalho começou logo no início do segundo semestre de 2024, dedicando as primeiras reuniões, com a equipe planejamento, ao alinhamento entre a realidade eclesial e o rigor metodológico.

APRESENTANDO O PROJETO

A primeira apresentação formal do trabalho ocorreu no dia 5 de novembro de 2024, na Reunião Mensal do Clero. O projeto, detalhado por Marcelo Cordeiro, propunha o desenvolvimento de um Plano Estratégico de Evangelização, partindo de um sério diagnóstico para chegar à definição de diretrizes e ações para a implementação.

Durante a apresentação, foi utilizada sugerida a metodologia da Teoria Apreciativa – que move o trabalho da Descoberta ao Destino – e a Teoria U, que exige dos participantes uma postura de “Cabeça Aberta,” “Coração Aberto” e “Vontade Aberta” para suspender juízos e presenciar a realidade. O objetivo principal era montar um planejamento sólido, com cinco etapas, focando na análise interna e externa, formulação estratégica e sustentação do Plano.

No dia 14 de dezembro de 2024, o projeto de trabalho foi apresentado ao Povo de Deus, marcando o início oficial do envolvimento da comunidade. Sob o tema "Palmas, uma Igreja Sinodal, de comunhão, participação e missão", foram convocados representantes de todos os âmbitos da vida arquidiocesana. A Carta de Convocação aos participantes evidenciava o compromisso com a sinodalidade, incluindo o Clero, coordenadores de Pastorais e Movimentos, Seminaristas, representantes de cada Conselho de Pastoral Paroquial (CPP), entre outros.

ITINERÁRIO FORMATIVO: O PILAR ESPIRITUAL

Enquanto o diagnóstico avançava, a Arquidiocese nutria o processo com o Itinerário Formativo de Preparação, que ocorreu de janeiro a junho. As formações – presenciais e online – buscaram alinhar o planejamento pastoral com o sentir da Igreja no Brasil e no mundo, abordando a Campanha da Fraternidade, a Bula do Jubileu e o Documento Final do Sínodo. O ponto alto foi a formação sobre o Sínodo dos Bispos, convocado pelo Papa Francisco nos anos de 2021 a 2024. A formação foi ministrada por Dom Joel Portela, bispo de Petrópolis, que participou das etapas do Sínodo e ajudou a redigir o Documento Final durante a segunda sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo.

ENCONTRO FORMATIVO

No dia 7 de junho, a Arquidiocese convocou novamente as lideranças para um encontro presencial. A manhã foi dedicada a um duplo momento formativo. Primeiro, com a presença de Dom Wellington de Queiroz, bispo de Cristalândia e Secretário do Regional Norte 3 e que também já foi membro da Comissão que elabora as Diretrizes da CNBB de 2021 até 2024. Ele foi convidado a ministrar uma formação sobre as Diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Dom Wellington esclareceu o conceito e a importância dessas diretrizes para a Igreja, detalhando que as novas orientações, ainda em fase de avaliação, abordarão temáticas fundamentais como comunhão, participação e missão, todas interligadas à ideia de sinodalidade.

Em seguida, Dom Pedro trouxe a formação que conectava o método estratégico ao sentido mais profundo da fé, explicando o objetivo e o significado espiritual da Assembleia. Na sequência, Marcelo Cordeiro pôde apresentar a totalidade do diagnóstico ao Povo de Deus. Ele utilizou dados de pesquisa, informações do IBGE, e análises geográficas e socioeconômicas para traçar um panorama fiel da Arquidiocese. A tarde foi dedicada à partilha e escuta, com a divisão em grupos para que as pessoas pudessem refletir sobre os dados e expressar suas esperanças e expectativas para a Assembleia de setembro. Essa intensa e estratégica jornada de preparação, que priorizou o método, a formação e a escuta ampla, foi o que deu corpo e alma à Assembleia Arquidiocesana do Povo de Deus. A beleza e o cuidado com que a caminhada foi percorrida são a garantia de que o Plano Arquidiocesano é o fruto de uma Igreja que se escuta, se planeja e que sabe que a Assembleia é apenas o início do trabalho de missão que virá.



PERFIL DE DOM PEDRO

COM A MALA DESFEITA: A FÉ MIÚDA E LUMINOSA DE DOM PEDRO

Sentado em sua mesa, Dom Pedro Brito Guimarães fala devagar, como quem relembra um caminho que não começa nele. É que antes de ser arcebispo, padre ou seminarista, ele foi menino de fé doméstica — aquela que não nasce no altar, mas na cozinha, na sala de chão batido, nas mãos firmes de mulheres que seguravam o terço como quem segura o mundo.

No interior do Piauí, sua mãe puxava o rosário nas redondezas quando a ausência de padres era rotina; a comunidade era conduzida por promessas, festejos e rezas simples. Ali em meio aos pedidos e agradecimentos a ladainha em um latim que talvez não fosse latim, alcançava a intenção do sagrado que se formava dentro do menino que nem sequer pensava em seguir essa vocação.

“A FÉ ALI NÃO DEPENDIA DE PADRE, NEM DE ROTEIRO”, LEMBRA. “ERA O QUE TÍNHAMOS. E ERA SUFICIENTE”, DISSE O ARCEBISPO.

Ele se lembra das primeiras “celebrações da Palavra”: folhas mimeografadas, evangelhos marcantes, desenhos de videira e pastor rabiscados na lousa da escola. Nada era fixo. Nada era obrigatório. A fé acontecia quando precisava acontecer — e talvez tenha sido aí que ele descobriu a beleza da espontaneidade espiritual.

Na adolescência, Dom Pedro imaginou outro caminho: ser técnico agrícola. Chegou a ser aprovado em um colégio de formação na agricultura, mas enquanto aguardava a chamada oficial, trabalhou em um pequeno comércio da família. Foi nesse intervalo que sua vida mudou de direção.

Durante uma visita pastoral, o bispo da diocese o viu conduzir uma celebração da Palavra e, impressionado, fez o convite: “Quero que você vá para o seminário”. Simples assim. Sem aviso, sem preparação, mas com a clareza de quem reconhece um chamado.

Vieram então os anos de filosofia, teologia, Roma, idas e vindas que o moldaram em silêncio. Até que, quinze anos atrás, chegou a Palmas com uma ideia que carrega até hoje: “A gente tem que chegar com a mala pronta para desfazer”, ele cita esse trecho durante nossa conversa.

E ele desfez. Fixou raízes, construiu vínculos e atravessou tempos complexos, sempre com o estilo pessoal que define sua liderança: discreta, metódica, observadora e profundamente comprometida.

INSPIRAÇÃO VOCACIONAL

Dom Pedro descreve a função episcopal com a franqueza de quem conhece seus limites. “Ser bispo não é fácil. É uma figura que responde por tudo, mas sou servidor de algo divino. A Igreja não é minha. Não posso agir como proprietário”. Talvez por isso sua liderança tenha esse aroma de simplicidade — firme, mas mansa; séria, mas acessível. Ele é tímido, prefere silêncio a holofote e admite que recebe melhor a verdade quando ela vem por imagem, pela música, pela poesia.

Ele foi alfabetizado não só pelas letras, mas pelas histórias que circulavam na casa onde morava: meninas estudando ali, cadernos abertos, a mãe escrevendo cartas longas a parentes, comadres e filhos distantes. O menino lia todas, escondido às vezes, emocionado noutras. E aprendeu a sentir o mundo pela palavra. E essas habilidades formaram o homem escritor, compositor e cantor, habilidades que o permitem enxergar Deus em lugares que muitos já esqueceram de olhar: “Eu ouço a voz de Deus no canto da natureza, na alegria, na beleza, no sorriso da criança. No amor que não cansa”.

O PASTOR QUE O POVO RECONHECE

Enquanto conversávamos, as falas que colhi ao longo da Assembleia não saíam da minha cabeça. Era como se cada testemunho se encaixasse na narrativa que ele agora me entregava. “Dom Pedro, pra mim, é uma inspiração de vida”, disse Luciana Cândida, ainda emocionada. “Ele é ungido pelo Espírito Santo. É confessor, amigo, acessível. O que ele prega, ele vive. E isso faz a gente querer caminhar junto”.

Jancarla Borges, servidora da Cúria, descreveu aquilo que muitos veem, mas poucos conseguem traduzir: “Ele é um pastor que para, que escuta, que dialoga. Às vezes rebate, mas sempre considera o que é dito. A gente se sente amparado. Ele conduz do jeito dele — firme, mas com muito cuidado”. A sensibilidade, para outros, é quase artística. “Dom Pedro é um líder sábio, inteligente, que faz a gente refletir. Cada homilia transforma”, disse Agda Correia Bezerra Bertuol, da Catedral.

O marido, Ari Bertuol, completou: “Ele é um artista. E todo artista enxerga o mundo com outra sensibilidade. Ele está muito preparado. A gente admira demais”. Firmeza, ternura, escuta, presença: as palavras se repetem como oração. Pergunto como ele recebe o carinho que os fiéis manifestam — alguns o chamam pai, líder, exemplo. Ele sorri com timidez. Não parece confortável com elogios, mas também não foge deles. Apenas diz, com a sinceridade de quem fez o que podia: “Eu posso até perder. Mas eu me empenho. Dei o meu melhor”.

UM PLANO PARA O FUTURO DA ARQUIDIOCESE

A Arquidiocese de Palmas vive um novo ciclo, guiado por um plano estratégico construído em processo sinodal. Não foi realizado exatamente como planejado, mas, para Dom Pedro, isso não diminui seu valor. “É nosso. Pequeno, simples, mas nosso. Como uma criança que agora precisa ser cuidada”.

Para os próximos anos, seu desejo é claro: uma Igreja mais organizada, autônoma, preparada intelectualmente e pastoralmente para caminhar sem depender de uma única figura. “Quero uma Igreja viva, interativa, solidária, missionária. Que seja sinal num mundo ferido”.

A MENSAGEM QUE ELE DEIXA

O arcebispo acredita que a fé se sustenta menos pelas aparências e mais pela relação com aquilo que é essencial. Aconselha olhar mais para Cristo do que para as falhas humanas — inclusive as dele. Ao falar com os fiéis, abandona qualquer formalidade: “Ser amigo de Deus é o maior presente. Não deixe para depois. Não vá para a igreja por simpatia ou antipatia de alguém. Vá por amor. Por vocação”.

Depois de quinze anos em Palmas, o menino que começou conduzindo celebrações desenhadas na lousa continua, de algum modo, fazendo a mesma coisa: reunindo pessoas em torno da Palavra, do gesto simples, da luz pequena que orienta no escuro. E talvez seja isso que melhor define Dom Pedro: um líder que não ocupa o centro do palco, mas ilumina o caminho. Um pastor que caminha junto. Um arcebispo que, antes de qualquer título, é servidor.



ASSEMBLEIA ARQUIDIOCESANA DO POVO DE DEUS: TRÊS DIAS QUE REDESENHARAM O CAMINHO DA IGREJA EM PALMAS

Antes que o sol nascesse na sexta-feira, 19 de setembro, os primeiros grupos já chegavam à Capital. Vinham de perto e de longe, das periferias urbanas, das comunidades do interior, das estradas de chão e das avenidas largas de Palmas. Nos rostos, a mesma mistura de expectativa e fé. Nos corações, o desejo de participar de algo maior: a construção dos novos caminhos da Igreja na capital mais jovem do Brasil.

Foi ali, entre velas acesas, aplausos contidos e muita fé que teve início a Assembleia Arquidiocesana do Povo de Deus, um encontro que reuniu quase 500 participantes e mais de 100 voluntários. Três dias que uniram a espiritualidade da escuta à responsabilidade do planejamento pastoral para os próximos anos. A celebração de abertura realizada na Paróquia Santo Antônio foi presidida por Dom Pedro Brito Guimarães, que marcou em sua Carta de Abertura, a Assembleia como “a realização de um sonho” — o sonho de uma Igreja viva, acolhedora e organizada para o futuro.

Aquelas palavras não ficaram apenas no ar, como bênçãos e pedidos. Elas se tornaram o início de uma travessia entre o que a Arquidiocese já é e o que ainda pode se tornar. A primeira noite terminou com uma procissão luminosa até o Colégio Marista, onde os presentes se confraternizaram entre padres, religiosos, jovens e famílias que juntas deram o pontapé inicial para a materialização daquelas palavras que não ficaram apenas no ar, como bênçãos e pedidos. Elas se tornaram o início de uma travessia entre o que a Arquidiocese já é e o que ainda pode se tornar.

"(...) Deposito nela todo o meu encantamento de pastor de ovelhas. Quero deixá-la como legado destes 15 anos à frente da Arquidiocese de Palmas. Quero deixar a nossa Arquidiocese organizada, em todos os setores e dimensões. Por favor, me ajudem a realizar meu sonho".



ESCUTAR, DISCERNIR, SONHAR

O sábado (20 de setembro) amanheceu com clima de chuva e aos que chegavam no auditório do Marista foram recepcionados com o ar quente e o coração leve dos voluntários que encaminharam todos para o auditório do Marista. Ali, sob o método da Investigação Apreciativa, a Arquidiocese se debruçou sobre si mesma: deu voz a homens e mulheres que no dia a dia fortalecem a Igreja através das suas orações, dos seus diagnósticos, dos seus cuidados em suas pastorais e da fé que movimenta os sonhos sobre onde florescer, onde brotar e quais novos canteiros poderemos alcançar, desenhando novos caminhos e destinando ações concretas.

Entre as vozes tocaram-se temas como a evangelização das famílias e juventudes, o cuidado com padres e diáconos, a formação dos agentes pastorais e o fortalecimento da cultura vocacional. Durante a tarde, os grupos se dividiram por eixos e juntos traçaram as propostas para o novo Plano Arquidiocesano de Evangelização (2026-2029) — um documento que nasceu da escuta, da oração e da prática missionária.

A IGREJA QUE SERVE E SE RENOVA

No domingo, 21 de setembro, as sínteses foram apresentadas e aprovadas em assembleia geral. Entre as falas, um grito coletivo ecoou forte: o das catequistas. “Elas pediram mais espaço, mais escuta, mais formação”, lembra uma participante. “Sem a catequese, tudo o que fazemos vira apenas serviço social. É ela que dá alma à Igreja”.

Com 257 votos favoráveis, o novo Plano Pastoral foi aprovado sob aplausos e cânticos de alegria — um momento de comunhão que coroou três dias de escuta e discernimento, sendo finalizado com uma dinâmica simbólica com post-its coloridos, onde cada participante foi convidado a escrever seu compromisso pessoal com o plano, gesto simples que revelou a grandeza de uma Igreja que quer caminhar unida. O resultado foi a definição de seis grandes prioridades pastorais, que nortearão a vida e a missão da Igreja nos próximos quatro anos:

1. Evangelizar famílias e juventudes;
2. Fortalecer a formação integral de agentes pastorais;
3. Promover a caridade e a ação social;
4. Cultivar a cultura vocacional;
5. Viver a sinodalidade;
6. Garantir a sustentabilidade da missão.

Essas prioridades se desdobram em projetos estratégicos como a Escola Arquidiocesana de Formação, o Plano de Expansão da Missão, o Cuidado com a Casa Comum e o fortalecimento da Pastoral da Juventude — todos com o propósito de fazer o Evangelho chegar às periferias, aldeias indígenas e comunidades quilombolas, onde a fé ainda se manifesta mais pelos gestos do que pelas palavras.

Mas talvez o maior testemunho desses três dias tenha vindo de quem estava nos bastidores: os voluntários. Foram eles que cozinham, acolheram, serviram, organizaram os espaços e garantiram que tudo acontecesse. Gente simples, que transformou o serviço em oração.

“A Assembleia só aconteceu porque muitos se doaram de coração”, disse um dos coordenadores. “Ela foi, de fato, o retrato de uma Igreja viva, onde cada um faz sua parte com amor.”

ENTRE O HOJE E O AMANHÃ

Ao encerrar a Assembleia, Dom Pedro olhou para o público e, com a voz calma, resumiu o sentimento coletivo: “O futuro não começa amanhã. O futuro começa agora — no coração de quem escuta, acolhe e serve”.

Três dias de oração, escuta e construção deixaram para trás mais do que um plano pastoral: deixaram um horizonte de esperança. Porque, se a Arquidiocese de Palmas nasceu junto com uma cidade em construção, ela segue crescendo do mesmo jeito — entre a pressa do urbano e a serenidade do interior, entre o sonho humano e a graça divina.



JUVENTUDE NA CATEDRAL: PRESENÇA QUE RENOVA A IGREJA

Entre o nascer do sol sobre o lago e os louvores em cada paróquia, pulsa uma geração que faz da fé um ponto de partida. Em Palmas, cidade jovem por essência, onde o tempo ainda carrega a leveza do novo e a pressa do agora, a Igreja tem encontrado nos jovens o reflexo mais vivo do Evangelho: de uma fé em movimento, que aprende, questiona e transforma. Em um Estado marcado por grandes distâncias geográficas e também sociais, a presença da juventude nas comunidades católicas é como um sopro de esperança. Nos interiores, nas periferias e na paróquia, são os jovens que colorem a missão da Igreja, conectando tradição e modernidade, espiritualidade e tecnologia, oração e ação.

“Eu cresci no interior do Pará, onde a igreja era um encontro mensal, uma celebração esperada como quem espera a chuva no sertão.” A jornalista Joyce Daniele Nascimento fala com ternura de sua origem, lembrando que a fé foi herdada das mulheres de sua família — da avó à mãe — e floresceu mesmo em meio à simplicidade da zona rural. “Lá, a gente vivia a fé como um tesouro compartilhado. O padre só chegava uma vez por mês, mas a oração nunca parava”. Quando chegou a Palmas, a jovem se viu em um novo tempo da fé. “Demorei a entender o ritmo daqui. É diferente viver onde há missa todo dia, pastorais, movimentos... até que uma vizinha me levou a comunidade de São Pedro, e foi ali que encontrei meu lugar”, disse.

ESSE ENCONTRO MUDOU TUDO

“Eu ia à missa só pra cumprir o preceito, pra marcar presença no domingo. Mas quando entrei na Pastoral da Juventude, encontrei acolhimento, voz e propósito. Ali perdi o medo de falar em público, descobri minha vocação e aprendi a servir. Quando o jovem se vê parte da Igreja, ele fica. Ele entende que pode transformar.”

Para Joyce, a evangelização não se faz apenas com palavras, mas com presença. “Às vezes a gente pensa que basta evangelizar nas redes sociais, fazer um vídeo, uma trend... Mas o essencial é o acolhimento. O vídeo pode levar o jovem até a Igreja, mas é o abraço, a escuta, o espaço dado pra ele falar que o fazem permanecer”. Esse sentimento é compartilhado por Warllys Ribeiro, que há anos vive o engajamento cotidiano nas pastorais da Paróquia Imaculada Conceição, em Lizarda, há 272 km de Palmas. “Meu papel na Igreja tem sido participar de muitas pastorais. É uma experiência incrível e produtiva. Todos os dias lutamos pra melhorar. O catolicismo representa tudo pra mim — é praticamente toda a minha vida”. Com fé convicta, ele resume o que o motiva: “O que eu espero desta Assembleia é ver conversões. É isso que buscamos: tocar corações, transformar vidas. Quando a gente vive o Evangelho, as pessoas sentem.”

Essas experiências individuais compõem um retrato coletivo: o da juventude católica da Arquidiocese de Palmas, encontra na Igreja um lar espiritual e um espaço de pertencimento. Dados da Assembleia Arquidiocesana mostram que 43% da população da capital tem menos de 30 anos — um número que reflete diretamente na força pastoral nas paróquias e comunidades, hoje repleta de rostos jovens em ministérios, grupos e ações solidárias.

O arcebispo Dom Pedro Brito Guimarães reconhece esse movimento como essencial: “Os jovens não são o futuro, são o presente da Igreja. Onde a juventude está, a Igreja se renova. Precisamos ouvi-los, confiar e dar-lhes responsabilidades, porque o protagonismo deles garante a vitalidade da missão”. E é justamente esse protagonismo que tem redesenhado a vida da Arquidiocese. Jovens assumem o altar, o canto, a comunicação, a liturgia e o serviço às famílias.

São eles que transformam encontros em celebrações, que fazem das redes sociais um espaço de evangelização e que tornam a fé acessível a novos públicos. O diagnóstico pastoral da Arquidiocese de Palmas também aponta para um desafio: o número de católicos tem diminuído no Tocantins, mas é entre os jovens que surgem as maiores possibilidades de revitalização. Quando encontram acolhimento e escuta, eles permanecem; quando são convidados apenas a “cumprir presença”, se afastam. Por isso, a potencialização de iniciativas como os grupos de jovens, as pastorais e os grupos de catequese é fundamental. Tais espaços devem garantir que a juventude tenha voz ativa, não apenas em momentos de oração, mas principalmente no planejamento, participação e liderança das ações, tornando-se, assim, um pilar essencial para o desenvolvimento da Arquidiocese.



ESCUTAR COM AMOR: QUANDO A IGREJA DECIDE OUVIR O CORAÇÃO DO POVO

Entre cidades que crescem rápido e pessoas que se sentem sozinhas, a Pastoral da Escuta nasce como um gesto de fé e humanidade. Em tempos em que as distâncias não são apenas geográficas, mas também emocionais, a Arquidiocese de Palmas lança um convite simples e transformador: ouvir quem precisa, ou seja, todos.

Lançada em 2022, a Pastoral da Escuta é um serviço missionário que tem se consolidado como espaço de acolhimento, confiança e cuidado. O projeto, chamado Escutar com Amor, é resposta a um clamor silencioso que atravessa famílias, comunidades e até os espaços da própria Igreja. Porque, antes da palavra, Cristo se faz presente no gesto de quem escuta.

“A pessoa que vai para um lugar novo, sem vínculos, acaba se deparando com frustrações. Começa o adoecimento, a solidão. A escuta será fundamental para ajudar essas pessoas a encontrarem quem as acolha, escute suas dores — e também seus sonhos”, contou a irmã Maria do Socorro Medeiros Dantas, idealizadora da iniciativa.

DE ONDE NASCE A IDEIA: UM CHAMADO À ESCUTA

A irmã Maria do Socorro carrega uma trajetória marcada por reconciliação e humanidade. Com experiência em formações da Escola do Perdão e Reconciliação e na Justiça Restaurativa, ela viu na escuta um caminho de cura. “Durante a pandemia, quando a Arquidiocese se preparava para a escuta sinodal, a necessidade de um método mais sensível ficou evidente. A doutora Maria de Jesus, que hoje coordena a pastoral, me procurou dizendo: ‘a gente não está conseguindo ouvir como deveríamos’. Foi então que começamos uma formação online. Ali, percebi o quanto as pessoas estavam carentes de serem escutadas”, lembra.

A formação revelou uma lacuna dentro da própria Igreja: os leigos não se sentiam ouvidos. A partir daí, surgiu o desejo de sistematizar a prática e criar uma metodologia que pudesse ser ensinada e vivida nas paróquias. “Eles me pediram algo mais duradouro, e daí veio a ideia da cartilha e do livro. Porque o curso termina, mas o material permanece, ajuda a manter viva a prática da escuta”, explica a irmã.

O QUE É A PASTORAL DA ESCUTA

Mais do que um novo grupo pastoral, a iniciativa é uma resposta concreta às feridas do tempo presente. Palmas é uma cidade jovem, feita de recomeços e chegadas. Mas junto com os sonhos de quem vem, surgem o cansaço, a pressa e a falta de vínculos.

A cartilha O Poder da Escuta – como via de humanização, escrita pela irmã Maria do Socorro, se torna o guia dessa formação. Nela estão os fundamentos bíblicos, as orientações práticas e exercícios espirituais que ajudam o escutador a estar presente de verdade.

“A escuta não é confissão, nem terapia. É um espaço de acolhimento. Quem escuta não resolve o problema do outro, mas o ajuda a se escutar diante de Deus”, resume a religiosa.



COMO VAI FUNCIONAR

A estrutura da pastoral prevê:

- Núcleo Arquidiocesano da Escuta (NAE) – coordenação, formação e acompanhamento das paróquias;
- Plantões de escuta – atendimento com hora marcada, em locais reservados e acolhedores;
- Formação teórico-vivencial – baseada em comunicação não violenta, empatia e discernimento cristão;
- Rede de encaminhamentos – articulação com psicólogos, CAPS, CVV e serviços sociais para casos que exigem acompanhamento técnico.

Além disso, a pastoral se preocupa com quem escuta: encontros de supervisão e acompanhamento espiritual garantirão que o agente pastoral também seja cuidado.

UM SERVIÇO QUE NASCE DA FÉ E SE TRADUZ EM CUIDADO

A Pastoral da Escuta não substitui a terapia ou a confissão. Ela complementa o cuidado, sendo ponte entre quem sofre e quem pode acolher. É a Igreja estendendo o ouvido e o coração. Durante a Assembleia, o lançamento foi marcado por emoção e propósito. Muitos participantes relataram sentir-se tocados pela proposta – como se o Espírito Santo soprasse um lembrete: ainda há tempo para recomeçar, basta alguém disposto a escutar. Porque, no fim, é disso que se trata: escutar com amor é permitir que o outro reencontre Cristo dentro de si.

A ESCUTA COMO CAMINHO DE ESPERANÇA

Mais do que um projeto pastoral, a escuta é um exercício de fé e de humanidade. Num mundo de ruídos e pressa, a Igreja escolhe fazer o contrário: silenciar para ouvir. Porque ouvir é permitir que o outro exista – e é nesse gesto que o Evangelho se torna vivo.

“Escutar é um ato de fé. Quando alguém é ouvido de verdade, volta a acreditar que sua vida importa. E isso é o início da cura”, diz a irmã Maria do Socorro. A proposta é que, aos poucos, cada paróquia forme seus grupos e plantões, tornando a escuta um serviço permanente, acessível e fraterno.





ARQUIDIOCESE DE PALMAS: ENTRE OS DESAFIOS DO PRESENTE E OS SONHOS DO FUTURO

Às vésperas de completar 30 anos, a Igreja da capital mais jovem do Brasil reafirma sua missão:

Escutar, Servir e Caminhar junto

Antes que Palmas tivesse suas primeiras ruas traçadas ou o asfalto cobrisse as largas avenidas, já havia ali um sinal de fé. Uma pequena comunidade acreditava que, junto com o nascimento do novo Estado, também floresceria uma Igreja — silenciosa, mas firme, erguida na confiança de que o Evangelho sempre encontra morada onde há esperança.

Quando a capital foi criada, em 1989, a vida religiosa ainda dependia da Diocese de Porto Nacional, que acolhia as primeiras paróquias e missionários. A Arquidiocese de Palmas, porém, surgiria apenas alguns anos depois, em 1996, não por acaso, mas por necessidade: acompanhar o ritmo da cidade que crescia e cuidar das comunidades que se formavam ao seu redor.

Ou seja, diferente da cidade, que surgiu do traço dos urbanistas, a Arquidiocese nasceu da fé que já existia. E já nasceu grande — abrangendo 11 municípios, de realidades completamente diferentes, unindo no mesmo corpo o dinamismo urbano de Palmas e a sabedoria interiorana das cidades mais antigas do Tocantins.

Hoje, prestes a celebrar 30 anos de criação, a Arquidiocese de Palmas reúne 37 paróquias, duas áreas pastorais e uma missão. É uma Igreja em movimento, que cresce ao mesmo tempo em que amadurece, atravessando distâncias físicas e espirituais para manter viva a presença do Evangelho. Esses dois mundos convivem sob o mesmo céu da Arquidiocese. E é nessa travessia entre o urbano e o rural, entre o acelerado e o contemplativo, que a Igreja de Palmas encontra o seu maior desafio: ser presença em todos os lugares.

UM RETRATO DA FÉ EM TRANSFORMAÇÃO

O diagnóstico pastoral realizado entre 2010 e 2022 revela uma Igreja em movimento. Palmas, com população média de 30 anos, é uma cidade marcada pela juventude e pela pluralidade. Mas o entorno arquidiocesano apresenta um contraste evidente: enquanto a capital soma mais de 30 paróquias, comunidades do interior ainda celebram missas em espaços improvisados ou sob tendas.

A pesquisa também apontou mudanças no perfil religioso. Se em 2010, 55% da população palmense era católica, em 2022 o número caiu para 49%. O dado, mais que uma estatística, reflete o desafio da evangelização num contexto de fé fragmentada e múltiplas pertencças.

Apesar disso, o levantamento mostra avanços significativos:

- Fortalecimento das pastorais e movimentos leigos;
- Ampliação da presença digital e comunicacional da Igreja;
- Crescimento da participação da juventude nas paróquias;
- Aumento do número de ações sociais e missionárias em periferias urbanas, aldeias e comunidades quilombolas.

TRÊS DÉCADAS DE FÉ E CAMINHO

Ao se preparar para celebrar três décadas de história, em maio de 2026, a Arquidiocese de Palmas olha para trás com gratidão e para frente com esperança. Porque o maior desafio do presente é o mesmo que move o futuro: fazer Cristo chegar a todos os lugares: nas avenidas e nas estradas de terra, nas palavras e nos gestos, no coração e na história.



ELAS QUE SUSTENTAM: O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA IGREJA DE PALMAS

Nas terras quentes do Tocantins, quando o sol desperta lá pelas beiradas das 05h30 da manhã, uma parte importantíssima da Igreja já está de pé. Não pelos sinos e cantos dos galos, mas sim, pelo mover dos rosários, carregados nas mãos das milhares de mulheres que a esta hora já rezaram suas preces de joelho, a caminho do trabalho ou enquanto se organizam para viver mais um a frente do mesmo amor que moveu Maria aos pés da cruz.

Em cada paróquia, em cada comunidade, há uma mulher que não deixa a fé esmorecer. São elas que permanecem quando os padres partem, que acolhem quando há dor, que ensinam quando falta esperança. São o coração pulsante da Arquidiocese. A coordenadora arquidiocesana da Pastoral da Educação e Cultura e gestora da Obra Social Pequeno Cotelengo, Luciana Cândido, conta que o catolicismo se resume em uma palavra: acolhimento. Mineira e mãe de dois filhos, Luciana encontrou na Igreja o sentimento de pertencimento.

“Passei por experiências difíceis na vida pessoal, mas fui acolhida e amparada pelos padres de minha paróquia para continuar perseverante na fé. Isso fortaleceu-me e me fez querer fazer ainda mais pela Igreja”. Para ela, a mulher católica reflete Maria — não como figura silenciosa, de quem apenas espera e deixa a vida passar, mas como protagonista da missão de Cristo. “Maria não estava passiva. Ela estava em potente protagonismo, garantindo que as coisas acontecessem. A mulher na Igreja também é assim: toma frente, confia, organiza, carrega o filho no colo, vai grávida, vai idosa, mas está sempre presente”.

E nos bastidores da Assembleia Arquidiocesana do Povo de Deus, o testemunho de Luciana se confirmou a cada passo. Enquanto os delegados traçaram as metas pastorais, foram uma parte das mulheres que preparam o ambiente, acolheram com um sorriso, garantiram que tudo funcionasse. E, mais do que isso, mantiveram viva a empatia com as realidades mais duras. “A Igreja precisa olhar e fazer mais pelas mulheres das periferias, as que sofrem violência, as mães solo, as que não estão na missa porque estão socorrendo a vizinha em situação pior. Precisamos visitar, escutar, somar ao poder público e ir até elas com mais frequência”, afirma Luciana.

CONEXÃO QUE ABRAÇA

De outro ponto da Arquidiocese, a Célia dos Santos, integrante da Pastoral do Dízimo e do Conselho Pastoral Paroquial do município de Tocantínia, há 85 km de Palmas, confirma com serenidade o mesmo espírito de serviço. Criada no sertão, entre avós católicos e uma capela chamada Santa Clara, ela cresceu admirando as missionárias que evangelizavam os povos indígenas.

“Se for pra limpar o chão, a gente limpa. Se for pra acolher, a gente acolhe. O papel da mulher na Igreja é dizer como Maria: eis-me aqui. Acolher sem discriminar, sem olhar para o passado, mas valorizando o que a pessoa pode ser daqui pra frente”.

Para Célia, a mulher tem um papel que vai além do servir: ela é o elo que mantém a fé de pé. “Os homens passam, os padres circulam, mas a mulher fica. Ela é a base da família e da comunidade. É por meio dela que a fé se torna viva”.

DADOS

Os dados da própria Arquidiocese confirmam o que se vê na prática: mais de 70% dos agentes pastorais são mulheres. São elas que organizam encontros, coordenam pastorais, cuidam das famílias e sustentam a vida comunitária.

A Igreja de Palmas tem, no olhar e nas mãos dessas mulheres, a prova de que o Evangelho não se anuncia apenas com palavras — mas com gestos, com coragem e com o amor de quem permanece mesmo quando o caminho é árido.

Assim como Maria, que confiou sem saber o que viria, elas seguem dizendo: “Façam tudo o que Ele vos disser”. E é por esse sim silencioso e firme que a Igreja de Palmas continua de pé.



Entre o silêncio da acolhida e o vigor da liderança pastoral, mulheres transformam a Igreja de dentro para fora — com fé, coragem e o dom de recomeçar.



ARQUIDIOCESE DE PALMAS: ENTRE OS DESAFIOS DO PRESENTE E OS SONHOS DO FUTURO

Nas extremidades do Tocantins, onde o asfalto quase sempre cede lugar à poeira e o sinal de celular nem sempre é conectável, o som que mais ecoa internamente e nos pequenos grupos é o da fé que encontra resistência e constrói histórias de quem vive e de quem passa por ali. A distância em alguns casos é até grande entre o centro urbano e regiões como o Jalapão ou as aldeias indígenas. Mas é na travessia dessas distâncias que a Igreja se reencontra com o Evangelho em sua forma mais viva e feita daquilo que denominamos especial: a presença, escuta e partilha.

O padre Wagner Fernandes Las Casas, há dez anos em missão em São Félix do Jalapão, conhece bem o sentido dessa travessia. “Vivemos um choque cultural modernizador de forma abrupta”, explica. “São Félix, que era uma cidade majoritariamente rural, hoje lida com turistas, redes sociais e juventudes conectadas. Isso é bonito, mas também desafiador. Precisamos reaprender a nos conectar — com o novo e com o essencial”.

Ele conta que, junto à beleza das paisagens, a modernidade também trouxe feridas. “O turismo apresentou situações que antes não existiam, como o aliciamento de adolescentes. É uma realidade difícil, mas que nos faz redobrar o compromisso com a proteção dos jovens e a integração das comunidades.” Mesmo diante das dificuldades, Pe. Wagner acredita que a convivência entre culturas é também um espaço de crescimento. “O Jalapão é um lugar para quem gosta de desafios — não apenas pelas estradas, mas pelas pessoas, pela fé que se sustenta no simples. Cada celebração, cada encontro, é uma oportunidade de reconstruir vínculos e reavivar a esperança.”



VIVÊNCIA COMPARTILHADA

Nas aldeias, essa esperança assume outra forma, mais silenciosa, mas igualmente poderosa. O padre Martins Rodrigues, há 13 anos vive uma missão entre os povos indígenas e conta que aprendeu que a fé ali é comunitária por natureza. “Eles vivem juntos, decidem juntos, partilham o que têm. Coisas que às vezes nós temos só na teoria, mas eles vivem na prática. Eles nos ensinam o Evangelho com gestos”.

Questionado sobre qual seria a sua memória mais marcante, ele recorda um momento de despedida. “Estava em um velório. A mãe acarinhava o filho como se estivesse vivo, e o pai rezava segurando sua mão. Aquilo me ensinou o que é amor e fé em estado puro. Não há teologia que traduza o que vi ali”. disse.

Ao lado dele, o indígena Ricardo Sawrepte Xerente, que participou pela primeira vez da Assembleia Arquidiocesana, expressou com emoção o significado de representar o seu povo: “É uma honra estar aqui. Eu espero que avancemos mais nas aldeias, que a Igreja esteja cada vez mais próxima do nosso povo. A fé nos ajuda a continuar.”

Essas vozes, vindas das extremidades, revelam o que o arcebispo Dom Pedro Brito tantas vezes repete: a Igreja se faz presente quando se aproxima. É essa proximidade que transforma desafios em caminhos e solidão em comunhão. No Jalapão, nas aldeias ou nas comunidades quilombolas, o catolicismo não é apenas tradição — é resistência, partilha e esperança. É a fé que se faz estrada, aldeia e encontro. Uma fé que, mesmo nas fronteiras, continua iluminando o centro.





VOCAÇÃO: O CHAMADO QUE SUSTENTA A IGREJA

Da vida consagrada ao matrimônio, da missão nas comunidades ao serviço diaconal, diferentes histórias mostram como a Igreja em Palmas se fortalece a partir do “sim” cotidiano de seus fiéis

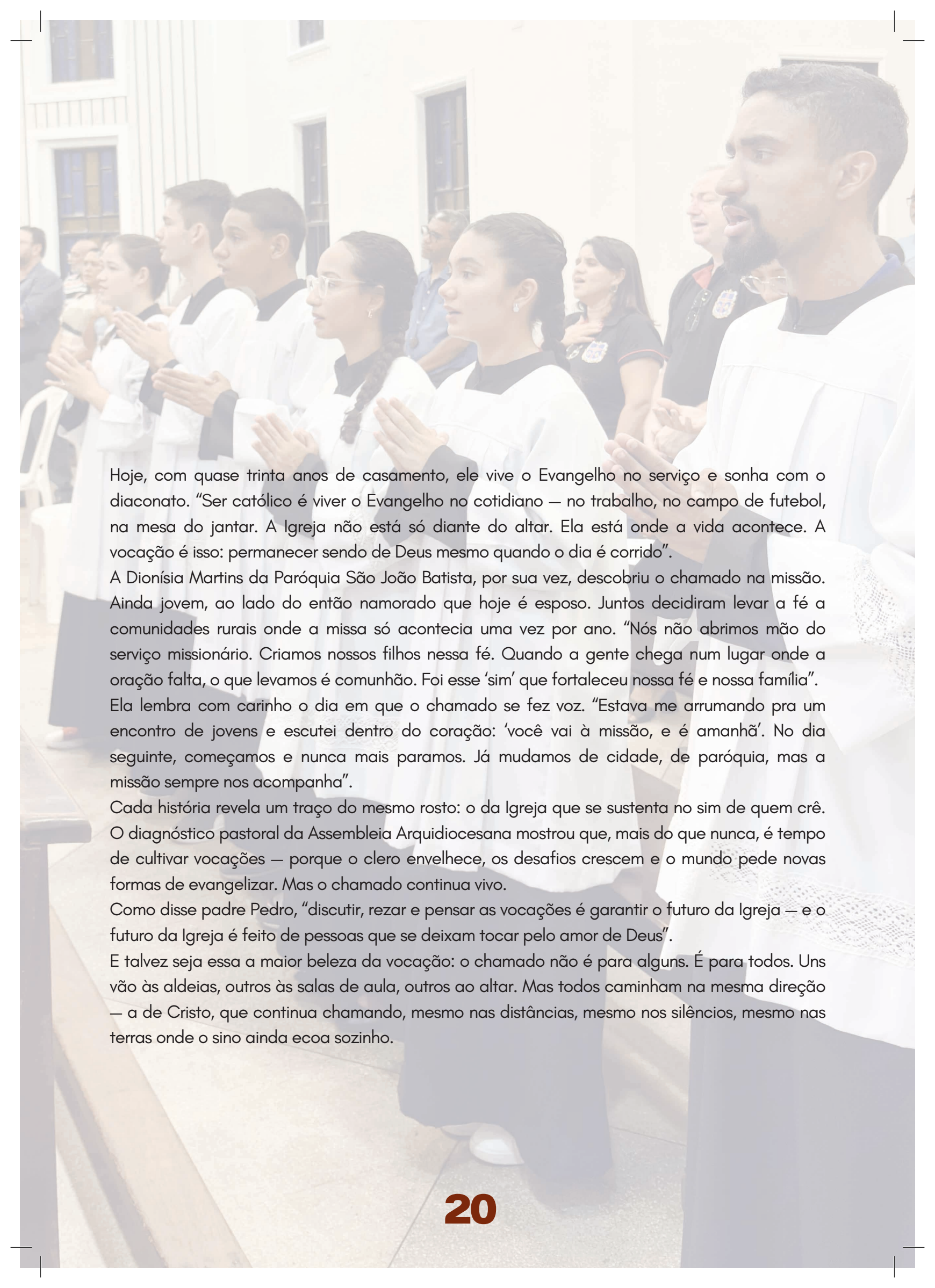
Há lugares onde o som do sino ecoa tão longe que parece chamar não apenas para a missa, mas para a vida. É nesses espaços, quase sempre nas paróquias do centro e nas capelas das estradas do interior, que Deus continua sussurrando o mesmo convite que move gerações ano após ano: “Vem e segue-me (Mt 19,21)”.

A vocação nasce assim: silenciosa, humana, atravessando o cotidiano. Às vezes no olhar de um padre, na prece de uma mãe, no gesto de quem serve. É o fio invisível que liga o céu à terra, que desperta a coragem de dizer “sim” e sustenta a Igreja mesmo nas distâncias do Tocantins.

O padre Pedro Henrique de Freitas fala desse ministério com a serenidade de quem o vive. “Todos nós somos chamados por Deus. O chamado é também um caminho de felicidade. Nenhuma vocação é menor — cada uma tem sua dignidade e missão própria. O bonito é perceber que esse despertar acontece no dia a dia: na comunidade, na família, na catequese, no convívio. Não é uma voz que desce do céu, mas um toque que acontece na convivência humana. A beleza da vocação está justamente nisso: no ordinário que se torna sagrado”, disse.

Ele lembra que a Igreja precisa aprender novamente a acolher, antes de ensinar. “As pessoas carecem de uma acolhida humanizante. Quando a gente acolhe, valoriza. Depois, aponta para Cristo. Eu não acolho pra mim, acolho para o Senhor. A vocação nasce da experiência de ser acolhido, amado e enviado”.

E foi essa experiência que mudou a história de José Oliveira Brandão, marido e futuro diácono. Ainda jovem, sentiu o desejo do sacerdócio, mas descobriu outro chamado. “Rezando e me aproximando mais, percebi que não era a minha vocação. Eu seria mais feliz sendo pai. E encontrei uma mulher tão de fé quanto eu”.



Hoje, com quase trinta anos de casamento, ele vive o Evangelho no serviço e sonha com o diaconato. “Ser católico é viver o Evangelho no cotidiano — no trabalho, no campo de futebol, na mesa do jantar. A Igreja não está só diante do altar. Ela está onde a vida acontece. A vocação é isso: permanecer sendo de Deus mesmo quando o dia é corrido”.

A Dionísia Martins da Paróquia São João Batista, por sua vez, descobriu o chamado na missão. Ainda jovem, ao lado do então namorado que hoje é esposo. Juntos decidiram levar a fé a comunidades rurais onde a missa só acontecia uma vez por ano. “Nós não abrimos mão do serviço missionário. Criamos nossos filhos nessa fé. Quando a gente chega num lugar onde a oração falta, o que levamos é comunhão. Foi esse ‘sim’ que fortaleceu nossa fé e nossa família”. Ela lembra com carinho o dia em que o chamado se fez voz. “Estava me arrumando pra um encontro de jovens e escutei dentro do coração: ‘você vai à missão, e é amanhã’. No dia seguinte, começamos e nunca mais paramos. Já mudamos de cidade, de paróquia, mas a missão sempre nos acompanha”.

Cada história revela um traço do mesmo rosto: o da Igreja que se sustenta no sim de quem crê. O diagnóstico pastoral da Assembleia Arquidiocesana mostrou que, mais do que nunca, é tempo de cultivar vocações — porque o clero envelhece, os desafios crescem e o mundo pede novas formas de evangelizar. Mas o chamado continua vivo.

Como disse padre Pedro, “discutir, rezar e pensar as vocações é garantir o futuro da Igreja — e o futuro da Igreja é feito de pessoas que se deixam tocar pelo amor de Deus”.

E talvez seja essa a maior beleza da vocação: o chamado não é para alguns. É para todos. Uns vão às aldeias, outros às salas de aula, outros ao altar. Mas todos caminham na mesma direção — a de Cristo, que continua chamando, mesmo nas distâncias, mesmo nos silêncios, mesmo nas terras onde o sino ainda ecoa sozinho.



GALERIA DE FOTOS





GALERIA DE FOTOS





GALERIA DE FOTOS





GALERIA DE FOTOS





GALERIA DE FOTOS





GALERIA DE FOTOS





GALERIA DE FOTOS



ANOTAÇÕES





REVISTA

ASSEMBLEIA DO POVO DE DEUS

É UMA PRODUÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE PALMAS

Contatos

Endereço: 504 Sul, Al.04, Lote 62. Palmas/TO - CEP: 77.021-690

Telefone: (63) 3218-8400; (63) 3218-8401; (63) 3218-8402

E-mail: curiapalmas@gmail.com // curia@arquidiocesedepalmas.org.br

Instagram: @arquipalmas



LANÇAMENTO

Plano Estratégico de Evangelização

2026-2029



“

Tenho entre as minhas mãos, diante dos meus olhos e no meu coração de pastor o PLANO ESTRATÉGICO DE EVANGELIZAÇÃO (2026-2029) da Arquidiocese de Palmas para entregá-lo aos seus cuidados pastorais.

Fruto de um processo dinâmico de auto-escuta-ativa, em espírito sinodal, feito em mutirão eclesial, que durou dez meses de preparação, consolidação e definição, agora entrego-o a vocês como um presente e um legado comemorativo dos 30 anos da nossa querida e amada Arquidiocese de Palmas.

Este é o Plano dos meus sonhos, do meu coração, do meu amor e do meu encanto. - Dom Pedro Brito Guimarães



CONFIRA A VERSÃO DIGITAL DO PEEv

